



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

Vitória Dias Guedes

DRE: 117143763

Rio de Janeiro

Janeiro – 2023

Vitória Dias Guedes

Vitória Dias Guedes

**DESGARRAMENTO SINTÁTICO E PROSÓDIA: ANÁLISE DE
PRODUÇÃO DE ORAÇÕES ADVERBIAIS DESGARRADAS NO FALAR
DE JOÃO PESSOA**

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como
parte dos requisitos necessários para a obtenção do
grau de Licenciatura e em Português/Literaturas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Ponciano dos
Santos Silvestre

Rio de Janeiro

2022.2

**DESGARRAMENTO SINTÁTICO E PROSÓDIA: ANÁLISE DE PRODUÇÃO DE
ORAÇÕES ADVERBIAIS DESGARRADAS NO FALAR DE JOÃO PESSOA**

VITÓRIA DIAS GUEDES

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Aline Ponciano dos Santos Silvestre

Monografia submetida ao setor de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a formação em Licenciatura em Letras Português-Literaturas.

Examinada por:

Prof^ª. Dr^ª. Danielle Kely Gomes (UFRJ)

Prof^ª. Dr^ª. Aline Ponciano dos Santos Silvestre (UFRJ)

Rio de Janeiro

Janeiro de 2023

AGRADECIMENTOS

Sem a fé, não conseguiria escrever uma única palavra. Por isso, em primeiro lugar, agradeço a Deus, que muito ouviu os meus pedidos, preenche a minha vida com milagres e me permitiu fazer parte da UFRJ;

À ela, inclusive, universidade dos meus sonhos e minha segunda casa, também sou profundamente grata. Instituição memorável, onde vivi grandes desafios, conheci a pesquisa e pude me formar dentro e fora de sala de aula;

Não poderia deixar de agradecer à minha mãe, uma mulher de força inexplicável, que sempre se mantém ao meu lado e me traz esperança e amor nos momentos de extrema incerteza;

Ao meu pai e aos meus irmãos, dos quais destaco Miguel, diariamente presentes e incentivadores dos meus sonhos. Amo vocês infinitamente, muito obrigada!

Às minhas avós e tias. Quando mais precisei, vocês não hesitaram em me auxiliar financeiramente para que eu continuasse a estudar.

Ao meu noivo, Bernardo, agradeço por, desde 2018, escolher estar ao meu lado. Toda compreensão, escuta e encorajamento tornaram este trabalho possível. Sem a sua presença, a jornada não teria tanta leveza.

Aos pais do Bernardo - em especial à Thereza - gratidão pela resiliência, pelo ânimo, por me acolherem em casa como filha e por me lembrarem à fé nos dias bons e difíceis. Amo a existência de cada um!

A todos os meus amigos, principalmente, Carol, Gabriela, Juliana, Andrea, Beneth, Fernanda e Leandra. Pessoas queridas, amadas e fundamentais na minha vida.

Agradeço à minha inspiradora orientadora, Prof.^a Dr.^a Aline Ponciano dos Santos Silvestre, que, em tempos pandêmicos, aceitou receber-me em seu grupo de pesquisa e orientar meus passos com tanta gentileza, sabedoria e disponibilidade.

Aos meus colegas de pesquisa, até hoje animados e dispostos a me auxiliar em tudo o que peço. Lê, Fernando e Rebeca, destaco vocês, eu realmente não estaria aqui sem o apoio imenso que me deram. Muito, muito, muito obrigada!

À literatura, por me possibilitar criar, fantasiar e conhecer cenários fabulosos.

À mim mesma, por sonhar, acreditar, buscar, lutar e persistir! Que eu nunca me esqueça do quanto já construí. Que eu me permita realizar ainda mais.

RESUMO

Neste trabalho, investiga-se a realização prosódica de orações adverbiais desgarradas no dialeto pessoense para compará-las aos resultados de Silvestre (2017) sobre a prosódia de desgarradas no Rio de Janeiro, com base nos pressupostos da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 2007) e da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (Ladd, 2008). Outrossim, com apoio nos estudos de Lira (2009) e Silvestre (2012), observa-se se traços fonéticos regionais, descritos anteriormente em estudos prosódicos de orações assertivas neutras em cidades do nordeste do país (Cunha, 2000; Lira, 2009; Silvestre, 2012; Castelo, 2016), se manifestam nas orações desgarradas de João Pessoa ou se a sintaxe específica se sobrepõe à característica regional de entoação. Para análise, foram coletados 360 dados de duas informantes, os quais revelaram: i) a existência de características prosódicas que singularizam as orações desgarradas em relação a outros padrões melódicos já investigados no PB, como o alongamento das sílabas finais e um padrão ascendente final; e ii) a ocorrência do tom H* no início dos IPs produzidos por falantes de João Pessoa, somada a uma ligeira subida melódica no fim dos IPs, acontecimentos esses que confirmam a presença de especificidades no falar paraibano em questão.

Palavras-chaves: Orações *desgarradas*. Entoação regional. Prosódia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	9
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	11
2.1 Entoação de assertivas nos falares carioca e paraibano.....	12
2.2 As Fonologias Prosódica e Entoacional.....	16
3 CORPUS E METODOLOGIA.....	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
4.1 Orações <i>não desgarradas</i> nos dialetos carioca e pessoense.....	22
4.2 Orações <i>desgarradas</i> em João Pessoa.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: [Quando Carla imagina]. Fonte: Silvestre (2021).....	10
Fig. 2: [Se o Diogo conseguisse]. Fonte: Silvestre (2021)	10
Fig.3: [Quando Carla imagina sempre acha que o pior vai acontecer]. Fonte: Silvestre (2021).....	10
Fig.4: [Se o Diogo conseguisse pausa tudo seria mais fácil]. Fonte: Silvestre (2021)	11
Figura 5: Enunciado: <i>Aqui chama redemunho</i> , produzido pelo informante jovem de Recife. Fonte: Silvestre (2012).....	15
Figura 6: Enunciado <i>Hoje você vai ter alta</i> , produzido pelo informante jovem de São Luís. Fonte: Silvestre (2012)	15
Figura 7: Enunciado <i>Aí é falecido</i> , produzido pelo informante jovem de João Pessoa. Fonte: Silvestre (2012).....	15
Figura 8: Representação da Hierarquia Prosódica. Fonte: Silvestre (2021).....	17
Figura 9: [Pra ajudar os alunos, fazia todo o possível]. Informante 1. Não desgarradas em João Pessoa.....	23
Figura 10: [Quando Ana apontasse todos iam cantar]. Informante 2. Não desgarradas em João Pessoa.....	23
Figura 11: [Se o Diogo conseguisse o trabalho tudo seria mais fácil]. Informante 2. Não desgarradas em João Pessoa.....	24
Figura 12: [Pra conquistar a garota desejada gastava mundos e fundos]. Informante 2. Não desgarradas em João Pessoa.....	25
Figura 13: [Quando Carla imagina sempre acha que o pior vai acontecer]. Informante 1. Não desgarradas em João Pessoa.....	26
Figura 14: [Quando Fábio me chamasse]. Informante 1. Desgarradas totais.....	27
Figura 15: [Pra ajudar os alunos esforçados]. Informante 1. Desgarradas totais.....	27
Figura 16: [Embora Lúcia tentasse o resultado]. Informante 2. Desgarradas totais.....	28
Figura 17: Contorno L+H*H% de oração desgarrada para o Rio de Janeiro. Fonte: Silvestre (2017).....	28

Figura 18: Contorno H+L*LH% de oração desgarrada para João Pessoa.....	29
Figura 19: Alongamento final observado em oração desgarrada total: [Quando Ana apontasse].....	30

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Contornos melódicos observados no fim dos IPs não desgarrados com PhP não ramificado no PB.....	25
Tabela 2: Duração média das sílabas da melodia mínima de orações não desgarradas.....	26
Tabela 3: Variação da F0 na palavra nuclear de orações não desgarradas no falar pessoense.....	26
Tabela 4: Variação da F0 na palavra nuclear de orações não desgarradas no falar pessoense.....	28
Tabela 5: Média da duração das sílabas finais em IPs desgarrados no falar pessoense.....	30
Gráfico 1: Superposição da média das três repetições do enunciado interrogativo total (linha rosa) com a superposição da média das três repetições do enunciado assertivo (linha verde), informante masculino (nível básico) de São Luís. Fonte: Lira, 2009.....	14
Gráfico 2: Contornos predominantes no início do IP de orações não desgarradas em João Pessoa.....	24
Gráfico 3: Contornos predominantes no início do IP de orações não desgarradas no PB. Fonte: Silvestre (2017).....	24
Gráfico 4: Duração média das sílabas da melodia mínima de orações não desgarradas.....	31
Gráfico 5: Gama de Variação de F0 na Melodia Mínima para estruturas desgarradas e não desgarradas no falar carioca. Fonte: Silvestre (2017).....	32
Gráfico 6: Gama de Variação de F0 na Melodia Mínima para estruturas desgarradas e não desgarradas no falar pessoense.....	32

INTRODUÇÃO

Neste estudo, objetiva-se analisar a prosódia de orações adverbiais desgarradas no dialeto pessoense, à luz de outros resultados que contestam as limitações gramaticais tradicionais, enfatizando a existência do desgarramento no PB. Nesse sentido, de acordo com Rocha Lima (1972), na subordinação, temos a presença de uma oração principal, que traz, presa a si, como dependente, outra ou outras, assim podemos notar na frase “Quando Carlos chegar em casa, *as crianças irão estudar*” e em “Se eu conseguir escrever, *não irei atrasar a entrega do texto*”. Com tal afirmação em vista, segundo o gramático, seria impossível avaliar as construções desprendidas “*Quando Carlos chegar em casa*” e “*Se eu conseguir escrever*” como sintaticamente “corretas”. No entanto, ao observar os trabalhos de Decat (1999, 2007, 2019), apoiados em uma percepção funcional-discursiva, começamos a perceber que algumas dessas estruturas - antes consideradas existentes apenas se estivessem agarradas a uma oração núcleo - ocorrem na língua de maneira independente e, da mesma forma, garantem sentido completo. Por essa razão, apropriando-se de uma noção dada por Chafe (1994), Decat (1999) passou a considerar tais cláusulas como **unidades de informação à parte**.

Tratando-se do desgarramento sintático no PB, de início, a autora atém-se primordialmente a dados escritos e percebe o fenômeno como um movimento estratégico na produção textual, o qual, seguindo tal lógica, “destaca a relação mais frouxa entre os enunciados e permite considerar a estrutura desgarrada como correspondendo a um ato de fala por si”. Como exemplo disto, destacamos a sequência “Como todo projeto extenso, tem coisas ruins, mas também tem coisas boas. Podem receber elogios junto com as críticas. *Embora saibam que as últimas é que rendem manchetes*” (Decat 2011, p 1). No período anterior, há a utilização de uma pontuação não canônica antes da conjunção “embora”, a fim de focalizar estrategicamente o *rema*¹ do enunciado. Todavia, apesar da importância desta reflexão para diferentes gêneros textuais no campo escrito, na construção dessa pesquisa, depositaremos foco e daremos continuidade à investigação que a autora faz sobre a ocorrência do fenômeno expresso na língua falada. Destarte, buscamos prosseguir com o estudo do que Silvestre (2021) chama de *desgarradas totais* (2021).

O título *desgarramento total* aqui exposto foi batizado por Silvestre (2021) para a designação das “orações adverbiais em que a oração núcleo não é recuperável textualmente,

¹ Na Linguística, entende-se por *rema* a informação que o falante quer referir, isto é, neste, temos o conteúdo semântico propriamente dito da oração.

pelo fato de serem as adverbiais que possuem, sozinhas, todo o conteúdo necessário à sua interpretação”. Silvestre (2021) se refere, dessa forma, a sequências como:

- a. “Se o Ricardo desejasse...” (Silvestre 2021)
- b. “*Pra aprovar os alunos esforçados...*” (Silvestre 2021)

Nos dois casos, dentro de contextos específicos, as orações adverbiais soltas são capazes de nos fornecer uma informação completa. A respeito disso, de forma inconsciente, sabemos da existência das desgarradas totais e as reproduzimos corriqueiramente, no entanto, com suporte numa teoria fonológica de base formal, sustenta-se que “elas só podem existir sozinhas porque há pistas prosódicas salientes que consentem tal existência”.

Com essas informações, este projeto busca ampliar os estudos sobre a Prosódia no PB, comprovando a existência de orações desgarradas em diferentes regiões brasileiras, a destacar o dialeto pessoense, para o qual concentramos nossas análises. Assim, no tópico seguinte, entenderemos um pouco mais sobre a motivação do presente estudo com suporte nos trabalhos anteriormente destacados. Nosso aparato teórico, constituído tanto pelas teorias de Lira (2009) e Silvestre (2012) quanto pela visão integrada da Fonologia Prosódica e Entoacional, será apresentado na seção 2, e assim também teremos conhecimento, no capítulo 3, acerca do corpus e do suporte metodológico por nós utilizado. A partir de tudo isso, finalmente, em nossos resultados, será possível 1) observar a realização do fenômeno sintático do desgarramento em outros falares brasileiros; e 2) confirmar se este apresenta características fonéticas regionais importantes no falar de João Pessoa.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

No que concerne à análise do comportamento prosódico, em seus trabalhos baseados na visão integrada entre as Fonologias Prosódica e Entoacional, Silvestre (2021) descreve o desgarramento nas variedades do Português Europeu de Lisboa (doravante PE) e do Português Brasileiro do Rio de Janeiro (doravante PB), analisando três importantes pistas prosódicas: duração, contorno melódico e gama de variação do F0 no fim do Sintagma Entoacional (IP). Para as duas variedades, os resultados demonstraram ser a maior duração das sílabas finais o fator que licencia a existência de orações *desgarradas totais*. Para além da duração, de acordo com seus resultados, na variedade carioca, o desgarramento também é licenciado pela ocorrência de um contorno melódico ascendente - L+H*H% -, diferenciando as cláusulas

desgarradas às anexadas à oração núcleo, bem como podemos observar nos dados:

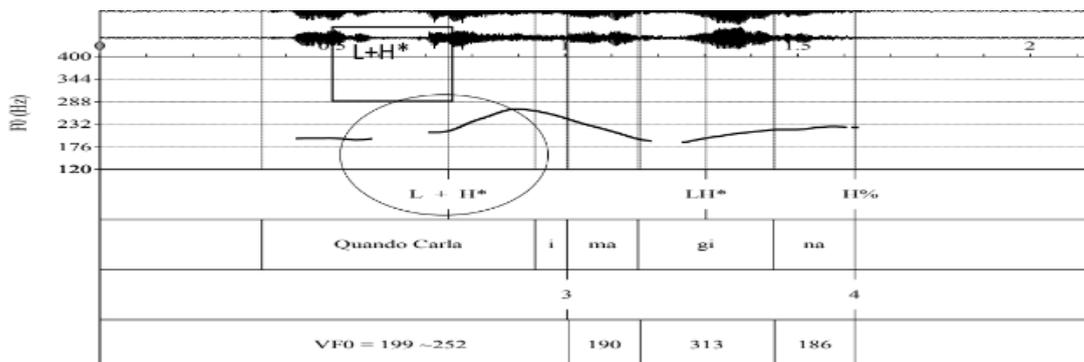


Fig.1: [Quando Carla imagina]. Fonte: Silvestre (2021)

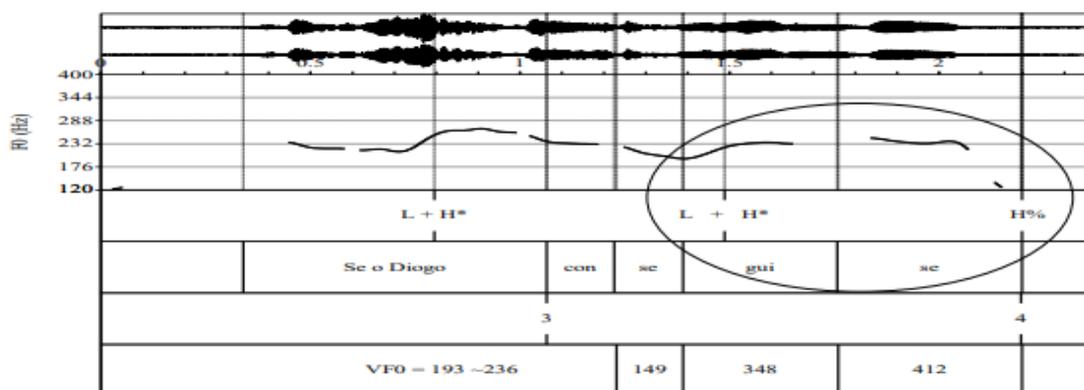


Fig.2: [Se o Diogo conseguisse]. Fonte: Silvestre (2021)

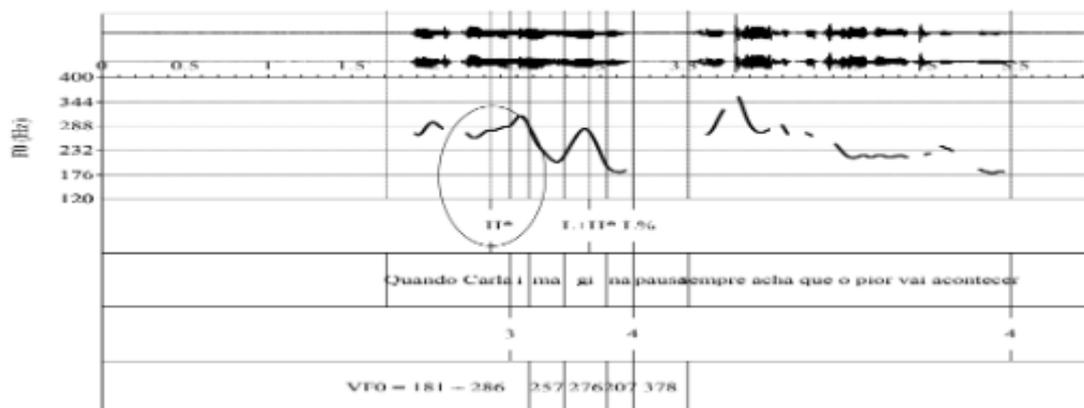


Fig.3: [Quando Carla imagina sempre acha que o pior vai acontecer]. Fonte: Silvestre (2021)

sem precisar de uma informação complementar.

Em face do exposto, já que tratamos da fala, para além da ideia sintático-pragmática, devemos perceber o valor das cláusulas desgarradas como um constituinte fonológico, através de um olhar direcionado aos comportamentos prosódicos que levam em consideração a pausa e a entoação. Certos de que o desgarramento necessita de uma caracterização prosódica própria que precisa ser descrita, tomamos como base os conhecimentos da descrição entoacional de orações assertivas no falar pessoense (Lira 2009 e Silvestre 2012) somados à abordagem integrada entre a Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 2007) e a Fonologia Entoacional (Pierrehumbert 1980) (LADD,1996).

2.1 ENTOAÇÃO DE ASSERTIVAS NO FALAR PARAIBANO

Diante dos argumentos da seção anterior, faremos uso de estudos prosódicos para sustentar a tese desta pesquisa. Para além de tratar das propriedades relacionadas ao domínio da palavra, como a acentuação, a prosódia estuda uma característica importante nos enunciados, sendo essa responsável por conectar os tons em um conjunto sintagmático em que os resultados são vistos através do comportamento da duração, da intensidade e, especialmente, da frequência fundamental, chamada F0. Entendemos o fenômeno descrito, então, por **entoação**.

Há vasta publicação de artigos científicos sobre a entoação no português, no entanto, poucos desses conseguem estabelecer um diálogo para análises comparativas mais profundas, uma vez que se utilizam de bases teóricas bastante diversas (Silvestre, 2012). A partir de tais informações, na busca pela realização de novos trabalhos que dialoguem entre si e com o objetivo de provarmos que o desgarramento possui características singulares no falar pessoense, escolhemos - dentro de uma abundante referência bibliográfica relacionada aos aprendizados prosódicos e entoacionais em enfoques diferenciados - a descrição entoacional de orações assertivas observada por Lira (2009) e, posteriormente, atestada em Silvestre (2012).

Mas, antes de tudo, para entendermos as considerações de Lira (2009), será preciso retornarmos um pouco mais ao tempo, à Nespor e Vogel (1986), que verificam a existência de categorias prosódicas, as quais têm um grau de variabilidade de uma língua a outra,

inversamente proporcional ao seu nível na hierarquia². O **Sintagma Entoacional** (IP), nessa ordenação, manifesta uma natureza universal, sendo um domínio prosódico relevante para as pesquisas entoacionais em várias línguas, ainda que as teorias utilizadas não sejam as mesmas. Para mais, particularmente à sua formação, as hipóteses de Nespor e Vogel (1986, p.218) também indicam que este sintagma agrupa um ou mais sintagmas fonológicos, sendo ele o campo de um contorno entoacional, com os finais de IP correspondentes às posições em que se podem incluir pausas em uma oração.

Nesse ponto, as percepções de Lira (2009) sobre os movimentos melódicos em torno do **Sintagma Entoacional** foram fundamentais para a descrição da entoação de orações assertivas no falar de João Pessoa. Na análise da autora, confirmou-se maior variedade nos contornos dos enunciados interrogativos, fato que, além de pontuar a importância da contribuição do IP para tais aprendizagens, atesta a visão da autora sobre a influência da região de origem do falante na reprodução fonética de asserções.

Não somente, nessa mesma tentativa de provar que a regionalidade é responsável pelas variedades existentes, Lira (2009) realizou, além de João Pessoa, uma descrição da entoação na fala de Recife, Fortaleza, Salvador e São Luís, dividindo os enunciados assertivos em três tipos: asserção que corresponde a uma questão total, asserção que corresponde a uma questão parcial e asserção que corresponde a uma questão disjuntiva. Trazendo à baila as diferenças sintáticas, os resultados considerados foram similares nas três possibilidades de organização dos enunciados.

Sendo assim, no padrão interrogativo, a configuração característica é uma subida melódica moderada nas sílabas tônicas não finais, seguida de uma subida melódica mais marcada na pré-tônica final e por uma descida na tônica final, mantendo as pós-tônicas em um nível baixo. Na asserção (verde), porém, houve uma queda sobre a tônica com ligeira subida nas pós-tônicas. Esse padrão, que é semelhante ao assertivo encontrado em outros dialetos brasileiros, como o do Rio de Janeiro (cf. MORAES, 2008), pode ser percebido no gráfico a seguir:

² Retomaremos a noção de *Hierarquia Prosódica* no tópico 2.2 com explicações mais detalhadas.

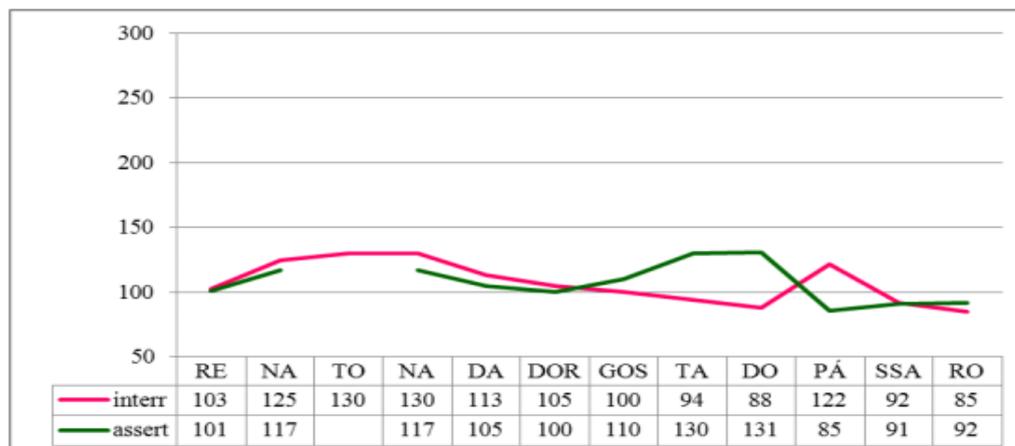


Gráfico 1: Superposição da média das três repetições do enunciado interrogativo total (linha rosa) com a superposição da média das três repetições do enunciado assertivo (linha verde), informante masculino (nível básico) de São Luís. Fonte: Lira, 2009.

Apesar de Lira (2009) não mencionar em sua investigação, Silvestre (2012), em um estudo acerca desses dados, se interessou pelo fato de haver, em número relevante, uma rápida subida da F0 presente na sílaba tônica final dos enunciados assertivos, o que serviu como um dado importante para a descrição da entoação dos falares de outras regiões do Brasil. Assim, de forma precisa e com base nas verificações aqui expostas, em sua dissertação sobre variação regional da entoação em enunciados *assertivos neutros*³, foi possível atestar a existência de especificidades nos falares do nordeste.

Para a confirmação da hipótese, precisou-se efetuar uma descrição melódica de 500 dados selecionados do corpus do projeto Atlas Linguístico do Brasil (projeto ALiB). Na escuta de quatro informantes, com idades entre 18 a 30 anos e 50 a 65 anos por capital, Silvestre (2012) concluiu que o índice geográfico em questão é evidenciado na ligação das alturas do acento pré-nuclear somado ao acento nuclear e entre movimentos de F0 nas sílabas que o continuam.

Ainda nessa mesma atividade, foram obtidos inúmeros resultados importantes para os estudos prosódicos no Brasil, entretanto, para a análise que será feita nesta monografia, é preciso olharmos especialmente aos dados obtidos nas capitais do nordeste do país, onde comprovou-se a realização de um tom alto - H* - na primeira sílaba tônica do IP (no acento pré-nuclear), tom este que, em tais levantamentos, se apresentou nas sílabas adjacentes e prosseguiu à sílaba pré-tônica do acento nuclear. Podemos visualizar tais conclusões nas

³ De acordo com Silvestre (2012), o padrão assertivo neutro é comumente caracterizado por uma altura melódica média na porção inicial e medial do enunciado e por uma queda da frequência fundamental na última sílaba tônica.

imagens abaixo:

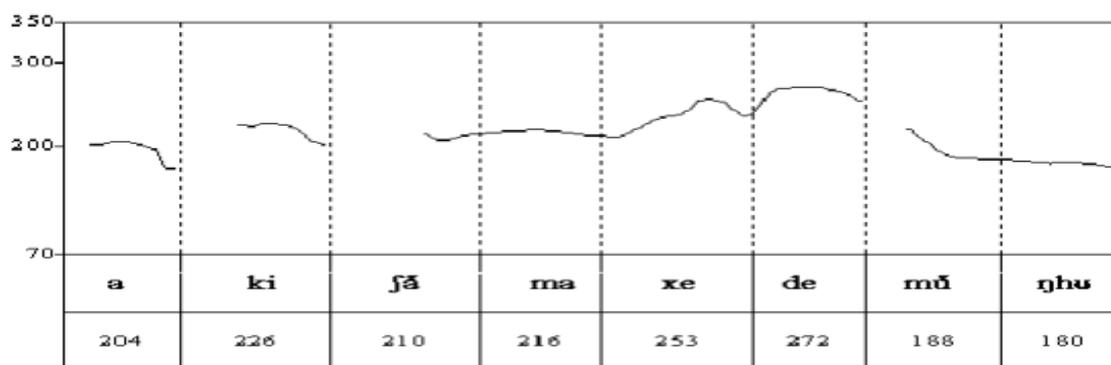


Figura 5: Enunciado *Aqui chama redemunho*, produzido pelo informante jovem de Recife. Fonte: Silvestre (2012)

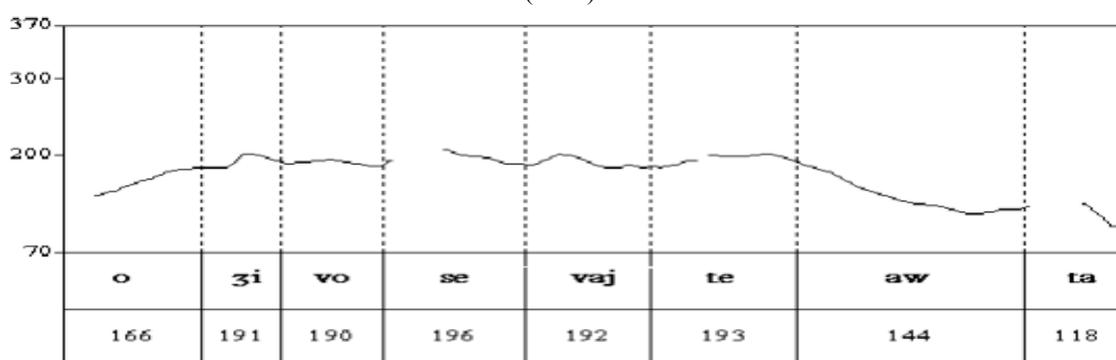


Figura 6: Enunciado *Hoje você vai ter alta*, produzido pelo informante jovem de São Luís. Fonte: Silvestre (2012)



Figura 7: Enunciado *Ai é falecido*, produzido pelo informante jovem de João Pessoa. Fonte: Silvestre (2012)

Respeitando as elucidações de Silvestre (2012) quanto às figuras: **(1)** Em Recife, no enunciado “*Aqui chama redemunho*”, a F0 em 226 Hz na primeira sílaba tônica ascende 22% até o seu pico na última sílaba pré-tônica do enunciado. Após, decresce 31 % na última sílaba de IP; **(2)** São Luiz, por sua vez, apresenta um único padrão melódico para a asserção neutra, caracterizado pela proeminência da F0 na primeira sílaba tônica do IP, a qual configura um tom predominantemente alto no acento pré- nuclear. Tons altos, nesse sentido, são observados em outras sílabas do enunciado até que se dê lugar a um movimento descendente da F0 que se

inicia na última tônica e prossegue à pós-tônica final do IP; (3) Por fim, em João Pessoa, vê-se um ressalto da F0 na primeira sílaba tônica, salientando um tom alto no acento pré-nuclear, com presença de tons também elevados ao longo do domínio. A tônica final, em contrapartida, apresenta considerável declínio da F0 e o padrão descendente permanece na última pós-tônica.

Dentre todas as particularidades mencionadas, implica-nos identificar, bem como já informado, a proeminência da F0 na primeira sílaba tônica, afigurando-se um tom alto em todas as capitais, com destaque aos dados referentes à João Pessoa. Aproveitamos dessas evidências somadas aos estudos de Lira (2009) aqui referenciados para então constatar que o desgarramento possui características singulares no falar pessoense.

2.2 AS FONOLOGIAS PROSÓDICA E ENTOACIONAL

Estabelecidos os conceitos para justificar a singularidade do desgarramento na capital paraibana, para a teoria do nível prosódico a ser analisado, sendo o sintagma entoacional (IP), investiremos na abordagem incorporada entre a **Fonologia Prosódica** e a **Fonologia Entoacional**.

A Fonologia Prosódica salienta que a corrente fônica é dividida em constituintes prosódicos organizados de forma hierárquica. No que diz respeito a esses, temos uma elucidativa discussão sobre a delimitação, as modificações segmentais e as mudanças fonéticas, que, embora não isomórficas, estão em relação com outros campos da gramática, dos quais destacamos a sintaxe: “o componente fonológico da gramática não pode ser encarado de maneira homogênea, mas como um subconjunto de subsistemas em interconexão, cada um governado com princípios próprios” (Nespor e Vogel 1994, p.13).

Em ordem decrescente, os constituintes prosódicos organizam-se da seguinte forma: enunciado fonológico (U – Utterance), o sintagma entoacional (IP – Intonational Phrase), o sintagma fonológico (PhP – Phonological Phrase), o grupo clítico (CG – Clitical Group), a palavra fonológica (PW – Prosodic word), o pé (F - Foot) e a sílaba (Syl – syllable). Assim podemos visualizar:

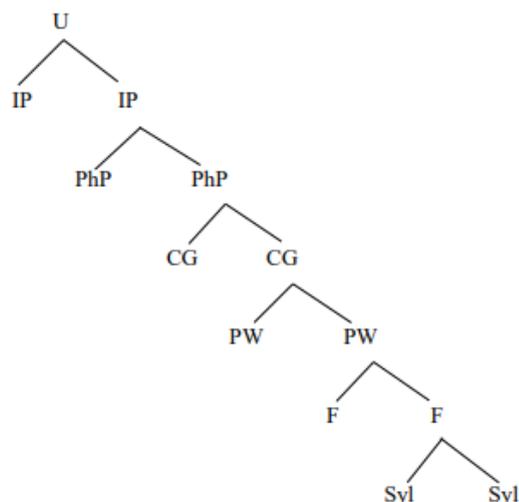


Figura 8: Representação da Hierarquia Prosódica. Fonte: Silvestre (2021)

Considerando as explicações feitas em 1.1 e a organização ilustrada, torna-se pertinente explicar que a restrição entre fonologia e sintaxe nos domínios mais altos da hierarquia prosódica está relacionada ao fato de esses constituintes dependerem de noções incorporadas aos mais altos da árvore sintática, os quais também fazem referência a noções semânticas - assim lembrou Silvestre (2017) sobre as postulações de Nespor e Vogel em sua tese. Ao analisarmos as regras de projeção, nessa perspectiva, concluímos que as noções fonológicas aumentam conforme se avança até domínios prosódicos superiores. Por essa razão, com base na visão de que a sequência sonora da fala é distribuída hierarquicamente em domínios prosódicos, *IP* e *U* são entendidos como de natureza mais universal.

A respeito da formação do sintagma entoacional, Frota (2000) salienta que: “o domínio de formação de *I* pode consistir de todos os *PhPs* em uma sequência que não esteja incorporada estruturalmente à árvore da oração ou toda sequência de *PhPs* adjacentes pertencentes a uma oração raiz”. Para descrever a construção de *IP*, continua: “os constituintes incluídos em um *I* têm de apresentar uma relação cabeça/complemento (FROTA 2000, p. 365)”.

Além dos processos estritamente fonológicos sobre distribuição hierárquica, de acordo as pressuposições das autoras, os constituintes da hierarquia prosódica proporcionam aos ouvintes o alicerce para a reconstrução da estrutura sintática e para o entendimento do que é transmitido, propiciando, paralelamente, estruturas importantes para o *parsing inicial*⁴.

⁴ Para a Fonologia Prosódica, o *parsing inicial* é referente a estruturas relevantes para o primeiro nível de processamento da percepção da fala.

Visto o IP como um sintagma de caráter universal e com apoio nas demais reflexões esclarecidas, faremos uma descrição da estrutura entoacional associada aos domínios prosódicos em estruturas desgarradas e não desgarradas de João Pessoa.

Somado às considerações destacadas, embasamos este projeto na Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (PIERREHUMBERT, 1980; LADD, 2008). O modelo AM assume que a entoação possui uma organização fonológica que se constitui em contornos entoacionais relacionados à estrutura prosódica. Nessa perspectiva, entendemos os contornos como uma sequência de episódios tonais alocados em pontos específicos na cadeia segmental, eventos esses constituídos por sequências de tons de apenas dois tipos – H (High) – ou baixos – L (Low) – e formam acentos tonais (pitch accents) e tons de fronteira (boundary tones).

Os acentos tonais afetam a sílaba tônica, indicados com um asterisco (*), e caso formados por um tom, são compreendidos como simples ou monotonais, (L*, H*); se compostos por dois tons, complexos ou bitonais - (L*+H, L+H*, H*+L, H+L*). Já os tons de fronteira, responsáveis pela modulação melódica no fim de um domínio prosódico, são indicados pelo símbolo % em sua adjacência. Em português, podem ser simples (altos ou baixos: H%, L%), complexos (ascendentes (LH%) ou descendentes (HL%).

Em tais parâmetros sobre a sequência sonora da fala, interessa-nos, principalmente, salientar que o fluxo desta pode ser interrompido por pausas com diferentes durações, ou outros tipos de mecanismos, a exemplo disso, destacamos o alongamento silábico e a variação de F0. Por conseguinte, entre as unidades de fala — agrupadas pelos falantes — é possível identificar rupturas ou fronteiras prosódicas. Com determinada concepção em vista, damos o título “fraseamento prosódico” (Beckman & Pierrehumbert 1986, entre outros) à função da prosódia de agrupar a fala em unidades prosódicas.

O aparato teórico até aqui apresentado nos ajudará, portanto, a descrever os aspectos prosódicos do objeto de estudo desta pesquisa. Para entendermos a forma com a qual efetuaremos as descrições pretendidas com base nas teorias fundamentadas, atentemo-nos ao capítulo subsequente, que tratará do nosso aporte metodológico.

3 CORPUS E METODOLOGIA

A partir das reflexões suscitadas pelos trabalhos elencados na introdução e baseando-nos nas teorias anteriormente fundamentadas, consideramos a ideia de que as

cláusulas desgarradas reproduzidas no dialeto pessoense também apresentam importantes traços prosódicos que as especificam. Outrossim, a presença de características regionais já descritas para a asserção neutra pessoense, como a existência de um tom H* no início dos enunciados (Silvestre, 2012) e uma ligeira subida na sílaba final (Lira, 2009), poderá se confirmar ou se infirmar na análise aqui proposta.

Para a efetivação de nossas suposições, semelhante ao que Silvestre (2017) realizou na comparação dos parâmetros prosódicos da variedade carioca e lisboeta, o corpus deste trabalho foi montado a partir de orações desgarradas totais e orações adverbiais anexadas à oração núcleo. Com a leitura das sentenças elegidas abaixo, coletamos áudios gravados por duas informantes, alunas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)⁵:

Para ajudar os alunos, fazia todo o possível. (não desgarradas)

Para ajudar os alunos... (desgarrada total)

Para ajudar os alunos esforçados, fazia todo o possível. (não desgarrada)

Para ajudar os alunos esforçados... (desgarrada total)

• Outras estruturas não desgarradas utilizadas nas investigações:

1. Se a Joelma ganhasse, ia fazer tudo isso. / Se a Joelma ganhasse na loteria, ia fazer tudo isso.
2. Se o Ricardo desejasse, o grupo seria maravilhoso / Se o Ricardo desejasse o emprego, o grupo seria maravilhoso.
3. Se o Diogo conseguisse, tudo seria mais fácil. / Se o Diogo conseguisse o trabalho, tudo seria mais fácil.
4. Quando o Fábio me chamasse, não iria conseguir fazer mais nada. / Quando o Fábio me chamasse ao escritório, não iria conseguir fazer mais nada.
5. Quando a Ana apontasse, todos iam cantar. / Quando a Ana apontasse a janela, todos iam cantar.
6. Quando a Carla imagina, sempre acha que o pior vai acontecer. / Quando Carla imagina as tragédias, sempre acha que o pior vai acontecer.
7. Já que o Lázaro desejava, não adiantaria contrariar. / Já que Lázaro desejava o perigo, não adiantaria contrariar.
8. Já que o Leandro o procura, faremos o que foi pedido. / Já que Leandro procura o

⁵ Nota de agradecimento: a respeito das gravações, agradecemos à professora Carolina Gomes, que prontamente nos auxiliou com a coleta dos dados.

empregado, faremos o que foi pedido.

9. Já que Marina gostaria, iremos providenciar. / Já que Marina gostaria dos enfeites, iremos providenciar.

10. Embora Carmen quisesse, não poderia viajar naquele momento. / Embora Carmen quisesse a recompensa, não poderia viajar naquele momento.

11. Embora Lúcia tentasse, não conseguia o resultado / Embora Lúcia tentasse o resultado, nunca conseguia.

12. Para conquistar a garota, gastava mundos e fundos. / Para conquistar a garota desejada, gastava mundos e fundos.

13. Para enviar, fica acordada a noite toda / Para enviar os pedidos requeridos, fica acordada a noite toda.

• Desgarradas totais também utilizadas:

1. Se a Joelma ganhasse... / Se a Joelma ganhasse na loteria...

2. Se o Ricardo desejasse... / Se o Ricardo desejasse o emprego...

3. Se o Diogo conseguisse... / Se o Diogo conseguisse o trabalho...

4. Quando o Fábio me chamasse... / Quando o Fábio me chamasse ao escritório...

5. Quando a Ana apontasse.. / Quando a Ana apontasse a janela...

6. Quando a Carla imagina... / Quando Carla imagina as tragédias...

7. Já que o Lázaro desejava... / Já que Lázaro desejava o perigo...

8. Já que o Leandro o procura... / Já que Leandro procura o empregado...

9. Já que Marina gostaria... / Já que Marina gostaria dos enfeites...

10. Embora Carmen quisesse... / Embora Carmen quisesse a recompensa...

11. Embora Lúcia tentasse... / Embora Lúcia tentasse o resultado...

12. Para conquistar a garota... / Para conquistar a garota desejada...

13. Para enviar os pedidos... / Para enviar os pedidos requeridos...

As amostras obtidas foram analisadas com auxílio do programa computacional *Audacity*, para o corte dos áudios e o descarte de qualquer tipo de ruído que pudesse atrapalhar as interpretações feitas no *Praat* (BOESRMA; WEENICK, 2015), onde identificamos as especificações prosódicas citadas.

Através dos softwares, foi possível verificar a duração, o contorno melódico e a gama

de variação de F0 no fim do IP. Para tanto, antes das gravações, apresentamos contextos específicos às estudantes, a fim de que elas, primeiramente, os imaginassem, e somente depois realizassem as leituras; todas as situações refletidas foram resgatadas em mais de um momento, de forma aleatória, para garantir a naturalidade das informações. A seguir, observamos um exemplo retirado de Silvestre (2017), a qual descreve este processo detalhadamente em sua tese:

[O Ricardo é um excelente profissional e não deseja mudar de emprego porque se sente bem onde está. Você, porém, adoraria que ele trabalhasse na sua empresa para que tivessem um grupo mais forte. Conversando com um amigo, você comenta...]⁶

Sabendo do resgate dos contextos e seguindo os mesmos passos da metodologia investida pela autora, isto é, a que o projeto InAPoP (Interactive Atlas of Prosody the of Portuguese) utilizou, as informantes receberam os textos por *slides*, sendo instruída a leitura natural das desgarradas e não desgarradas por três vezes.

Ao todo, coletamos 360 dados para o dialeto pessoense. Desses, 13 foram descartados devido à má qualidade dos sons, o que nos levou a considerar, então, 173 de orações não desgarradas e 174 de orações desgarradas. A aferição de todas as pistas prosódicas estudadas foi feita com o auxílio do aplicativo *Excel*, por meio do qual criamos planilhas para a organização e para a apuração eficaz dos parâmetros considerados, seguidamente traduzidos em tabelas e gráficos. Com o uso dos programas especificados, pudemos facilitar a descrição dos nossos resultados e compará-los aos já existentes para o Rio de Janeiro. Assim exploraremos melhor à frente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos os resultados referentes ao nosso objeto de estudo, com o objetivo de verificar se as suposições que levantamos sobre o falar de João Pessoa de fato procedem. Desse modo, de início, fizemos uma síntese dos levantamentos de Silvestre (2021) ao PB, e comparamos esses, posteriormente, com as investigações do concernente falar paraibano. No tópico final, reunimos todos os resultados obtidos, a fim de debater o desgarramento em ambos os falares e atestar nossas hipóteses. Nesse processo, tendo em vista

⁶ Como demonstrado, após a apresentação do contexto, as informantes tiveram acesso às frases para a gravação. Sobre o exemplo em específico, as sentenças para a leitura foram: 1) “Se Ricardo desejasse...”; 2) “Se Ricardo desejasse o emprego...”; 3) “Se Ricardo desejasse, o grupo seria maravilhoso.”; e 4) “Se Ricardo desejasse o emprego, o grupo seria maravilhoso”.

as explicações feitas na seção 3, foram descritos os comportamentos da frequência fundamental, da duração e da gama de variação de F0 das orações desgarradas e não desgarradas. Por fim, prosseguimos com um resumo total das conclusões alcançadas até então para assim sintetizarmos a caracterização prosódica do desgarramento.

4.1 Não desgarradas nos dialetos carioca e pessoense

Referente ao contorno melódico observado na produção de orações não desgarradas produzidas por falantes do Rio de Janeiro, Silvestre (2021) constatou o mesmo resultado nos IPs menores e nos de PhP ramificado - maiores. Na maior parte dos casos, observou-se a presença do acento bitonal L+H* no primeiro elemento proeminente do enunciado. A configuração final caracterizou-se pela associação do acento tonal L+H* à última sílaba tônica do IP, seguido por um tom de fronteira L%. A respeito da duração, Silvestre (2021) pontua que, nas orações menores, o percentual de alongamento da sílaba pós-tônica é maior. Já na variação de F0 pré-fronteira de IP, a gama de variação, observou-se -se uma variação média de 22%.

Sabemos da grande importância das contribuições do trabalho mencionado para as investigações que efetuaremos agora, entretanto, visto que, de acordo com as informações mencionadas, não houve importantes diferenças nos resultados relativos ao tamanho dos enunciados e que nosso corpus é semelhante, não daremos continuidade à análise desses separadamente. Posto isso, os resultados a seguir para as não desgarradas referem-se à soma geral das estruturas com e sem ramificação.

Tratando-se do falar pessoense, então, as investigações efetuadas demonstraram que o começo dos IPs foi marcado predominantemente pela ocorrência de H* (21%) ou H+L* (66%) no elemento proeminente do primeiro PhP, estando a sílaba tônica alinhada ao segmento baixo do acento. No entanto, em alguns poucos casos, o alinhamento da tônica se deu ao segmento alto (L+H*). Com isso, o fato de, na variedade carioca, o início dos enunciados apresentar o tom L* ou L+H* reforça que, assim como Cunha (2005) descreveu para o nordeste e Silvestre (2012) descreveu à capital da Paraíba, o tom inicial mais alto pode ser considerado uma diferença regional considerável a ser explorada. Confirmaremos este parâmetro com mais detalhes ao descrevermos o desgarramento.

Abaixo, as figuras e os gráficos ilustram tais afirmações:

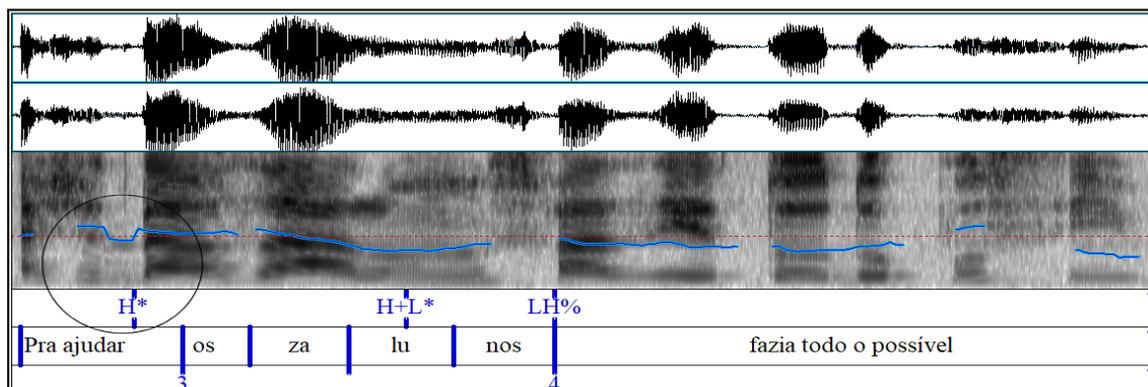


Figura 9: [Pra ajudar os alunos, fazia todo o possível]. Informante 1. Não desgarradas em João Pessoa.

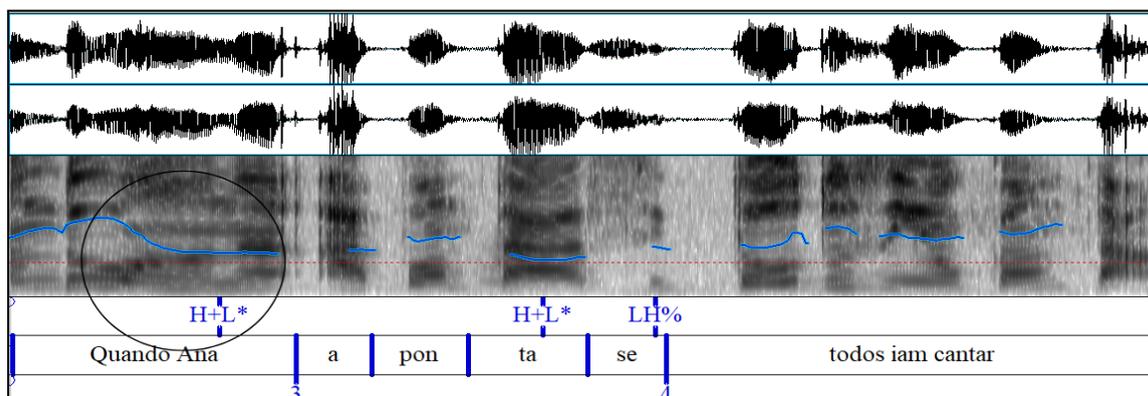


Figura 10: [Quando Ana apontasse todos iam cantar]. Informante 2. Não desgarradas em João Pessoa.

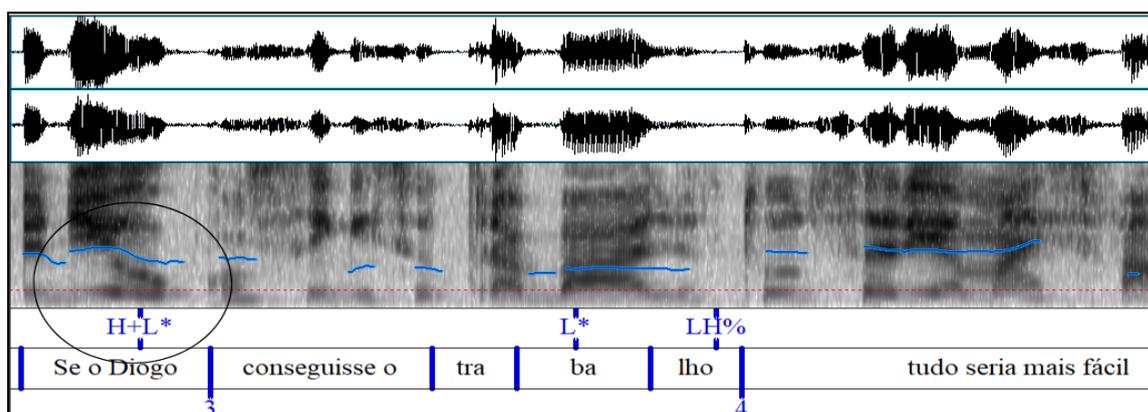


Figura 11: [Se o Diogo conseguisse o trabalho tudo seria mais fácil]. Informante 2. Não desgarradas em João Pessoa.

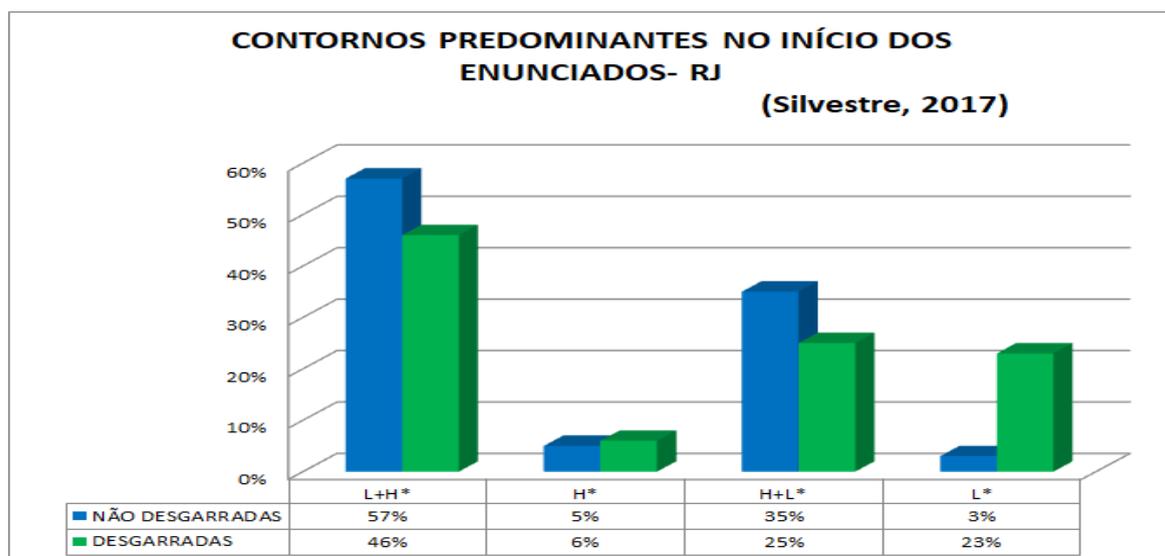


Gráfico 2: Contornos predominantes no início do IP de orações não desgarradas no PB. Fonte: Silvestre (2017)

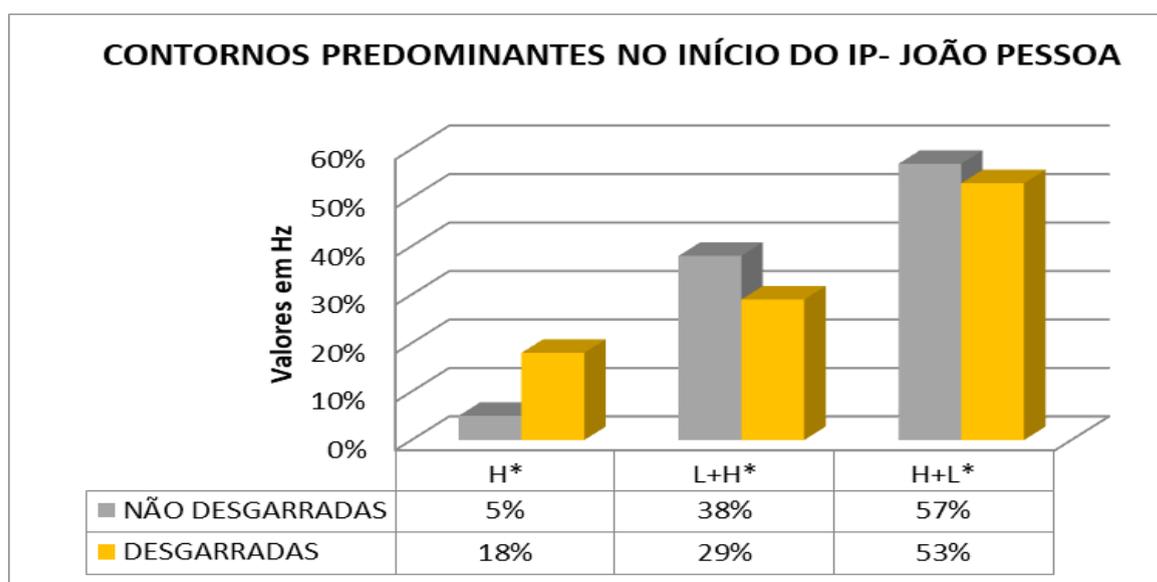


Gráfico 3: Contornos predominantes no início do IP de orações não desgarradas em João Pessoa.

Já na configuração dos contornos de melodia mínima de João Pessoa, identificamos um tom também contrário ao visto para o Rio de Janeiro e semelhante ao que Silvestre (2017) encontrou para a variedade lisboeta: a associação do acento tonal H+L* à última sílaba tônica do IP, complementado por um tom de fronteira LH% (66%). O mesmo acento tonal – H+L* – acompanhado de um tom de fronteira L% compreendemos em 21% dos dados e, além desses contornos, foi recorrente o acento tonal L+H* associado à última tônica do IP, seguido do tom de fronteira H% (23%).

A figura 12, somada à tabela 1, demonstra os contornos mencionados:

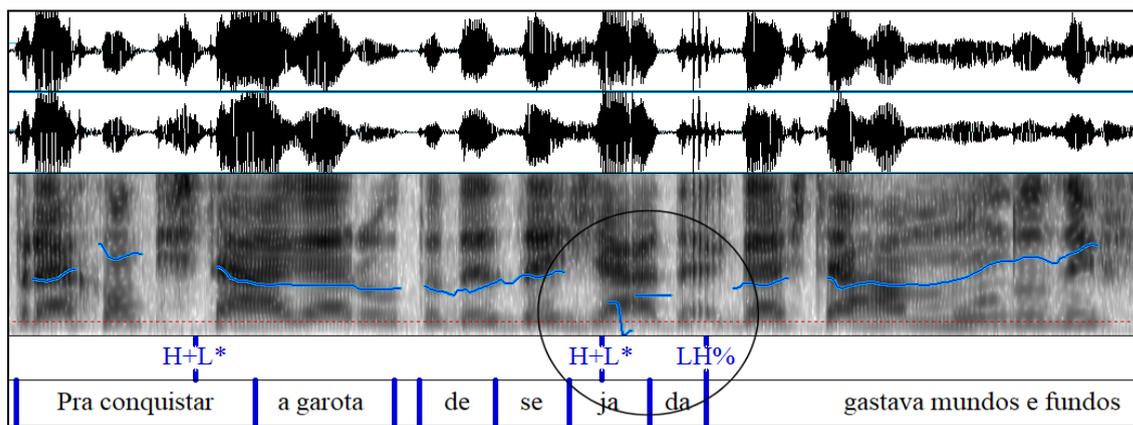


Figura 12: [Pra conquistar a garota desejada gastava mundos e fundos]. Informante 2. Não desgarradas em João Pessoa.

CONTORNOS PhP FINAL - ORAÇÕES NÃO DESGARRADAS	LH*H%	H+L*LH%	H+L*L%
Inf. 1	7	65	16
Inf. 2	15	50	20
TOTAL	23	115	36
%	(13%)	(66%)	(21%)

Tabela 1: Contornos melódicos observados no fim dos IPs de não desgarrados em João Pessoa.

Sobre a observação do alongamento, diante do que explicitamos ao longo das discussões presentes nos capítulos anteriores, sua existência é fundamental para diferenciar as orações desgarradas totais das não desgarradas. Por essa razão, para identificarmos a presença de tal pista, realizamos uma comparação da duração das três sílabas finais verificadas na última palavra do IP constituído pela oração adverbial.

Os áudios analisados revelaram que, em comparação à sílaba tônica, a sílaba pré-tônica tem duração média 18,5 ms (29,13%), ao passo que a pós-tônica durou, em média, 22 ms (34,65%). Observemos, a seguir, os registros que resumem a predominância da sílaba final:

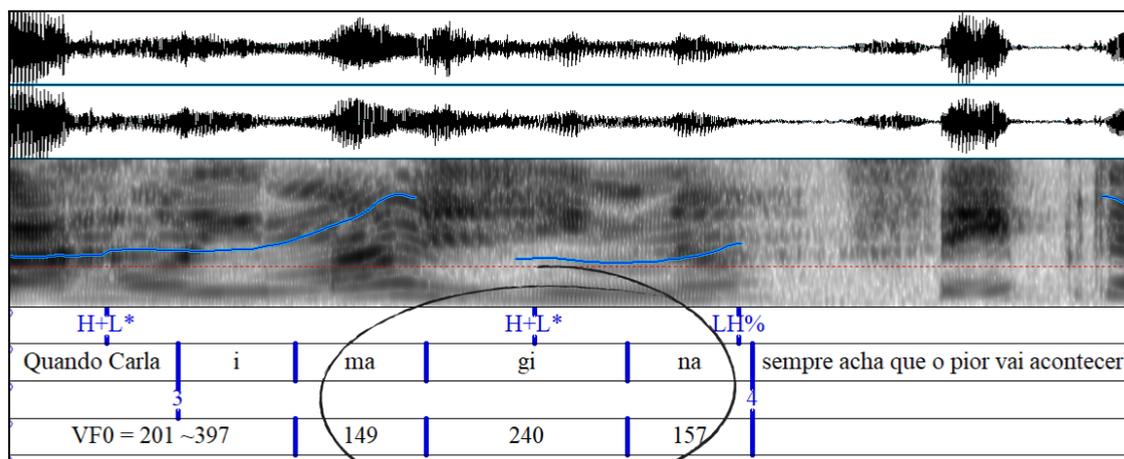


Figura 13: [Quando Carla imagina sempre acha que o pior vai acontecer]. Informante 1. Não desgarradas em João Pessoa.

VALORES MÉDIOS DAS SÍLABAS DA MELODIA MÍNIMA – NÃO DESGARRADAS			
Sílabas	pretônica (ms)	tônica (ms)	postônica (ms)
Inf. 1	18,5	23,5	22
Inf. 2	16,5	22,5	16
MÉDIA	18,5	23	22

Tabela 2: Duração média das sílabas da melodia mínima de orações não desgarradas.

Já a análise da gama de variação de F0 nas sílabas da melodia mínima revelou que não há variação relevante quando comparamos os resultados de Silvestre (2017) aos nossos. Sobre a informante 1, na F0 mínima, tivemos uma média de 202 (Hz) e, na F0 máxima, constatamos o valor médio de 242 (Hz); a informante 2, nessa lógica, apresentou 177 (Hz) na primeira e 246 (Hz) na segunda. Tais valores nos levam a concluir que a Frequência Fundamental máxima apresenta maior marcação, totalizando uma média de 244 (Hz) (54%).

VALORES MÉDIOS EM IPs DE NÃO DESGARRADAS	F0 Min (hz)	F0 Max (hz)
Inf.1	202	242
Inf.2	177	246
Média	189,5	244

Tabela 3: Variação da F0 na palavra nuclear de orações não desgarradas no falar pessoense

Considerando as pesquisas e retomando a finalidade desta monografia, a medição da gama de variação de F0 na fronteira final dos IPs também foi realizada para que possamos

diferenciar orações não desgarradas das desgarradas totais. Diante disso, os números apontados nos ajudarão a entender melhor as comparações do tópico 4.2 que se segue.

4.2 As *desgarradas totais* em João Pessoa

Finalmente, sobre o desgarramento produzido no dialeto pessoense, da mesma forma que vimos para as não desgarradas, o início dos IPs foi marcado por H* ou pela presença do acento bitonal H+L*(71%). Além destes, embora poucas vezes, o tom L+H* também foi identificado. Diferentemente do ocorrido no PB, no qual predominou-se L+H*, percebemos a preferência por uma marcação tonal elevada no início dos enunciados em João Pessoa:

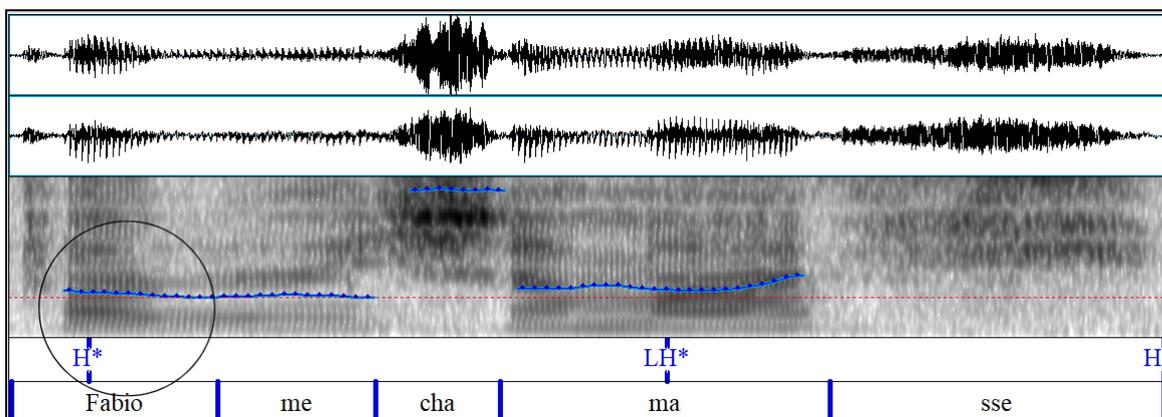


Figura 14: [Quando Fábio me chamasse]. Informante 1. Desgarradas totais em João Pessoa.

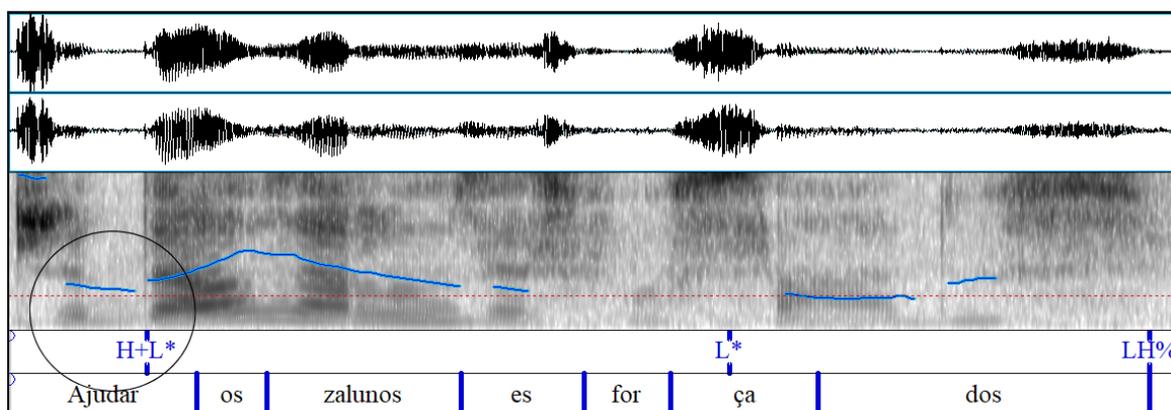


Figura 15: [Pra ajudar os alunos esforçados]. Informante 1. Desgarradas totais em João Pessoa.

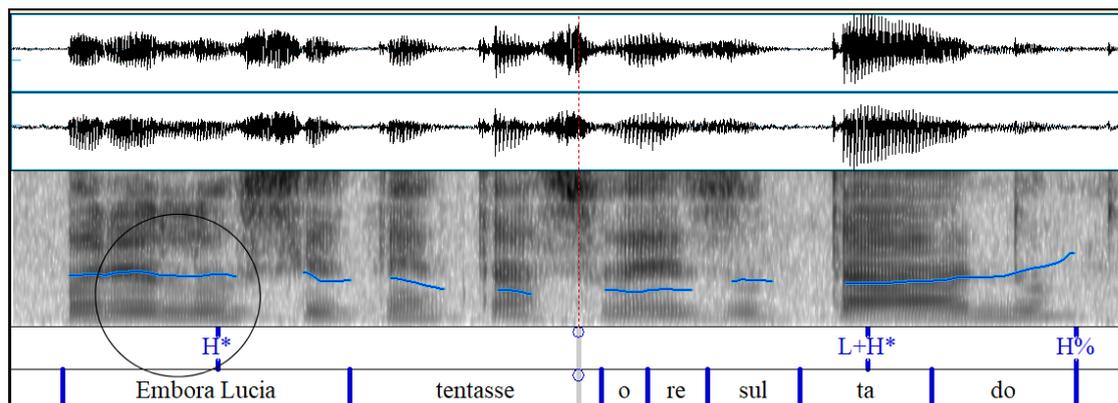


Figura 16: [Embora Lúcia tentasse o resultado]. Informante 2. Desgarradas totais em João Pessoa.

Abaixo, observamos a organização dos resultados discutidos:

CONTORNOS MELÓDICOS DE ESTRUTURAS DESGARRADAS E NÃO DESGARRADAS			
CONTORNOS MELÓDICOS	LH*H%	H+L*LH%	H+L*L%
NÃO DESGARRADAS	13%	66%	21%
DESGARRADA	10%	71%	19%

Tabela 4: Contornos predominantes na melodia mínima de não desgarradas no falar pessoense.

Nesta mesma tabela, por conseguinte, conseguimos notar que a configuração tonal predominante na melodia mínima é H+L*LH% (71%), semelhante ao contorno que identificamos há pouco nas estruturas prendidas à oração núcleo e diferente do que é observado no Rio de Janeiro, onde existe uma diferença entre as desgarradas, marcadas pela ocorrência majoritária de H%, e as não desgarradas, nas quais predomina-se uma fronteira baixa (L%). Comparemos:

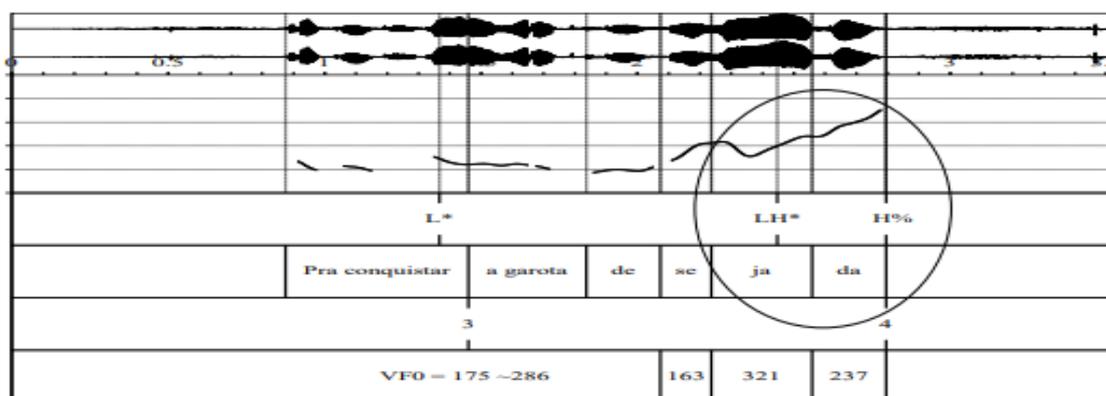


Figura 17: Contorno L+H*H% de oração desgarrada para o Rio de Janeiro. Fonte: Silvestre (2017)

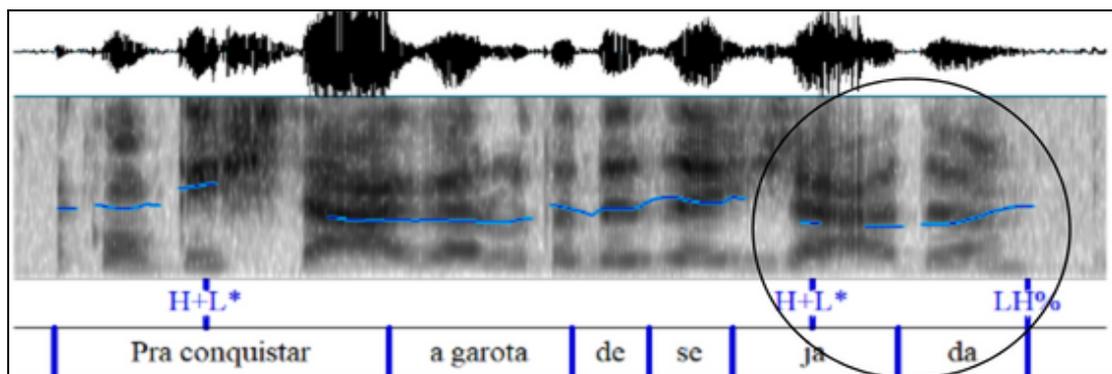


Figura 18: Contorno H+L*LH% de oração desgarrada para João Pessoa.

Como se pôde detectar nas tabelas e figuras, tanto os dados que ilustram os tons altos no início dos enunciados quanto os que acusam a fronteira LH%, evidenciam as teorias que detalhamos em 2.1. Em outras palavras, vemos, através dos resultados sublinhados para as estruturas com e sem desgarramento em João Pessoa, que há uma variedade prosódica nessas quando comparadas às que Silvestre (2017) observou para o falar carioca. Diante disso, a respeito das visões de Lira (2009), confirmamos a influência da região do falante na reprodução fonética de asserções, sendo, então, o tom alto no começo dos IPs uma diferença regional relevante que comprove tal variedade (Silvestre, 2012).

Outrossim, como já enfatizado em nossos passos metodológicos (capítulo 4) e lembrado na descrição das orações não desgarradas, agora, também faremos a verificação do comportamento duracional através de uma análise das médias de duração das sílabas finais da palavra nuclear. Além do mais, efetuaremos uma comparação interoracional, realizada a partir dos resultados obtidos na análise de duração das orações não desgarradas e das desgarradas totais.

Com suporte nessa metodologia, foi revelado que, relativamente à sílaba tônica - a qual durou 26 ms (36,88%) -, a pré-tônica apresentou duração média de 16,5 ms (23,40%), ao passo que a sílaba pós-tônica obteve a duração média de 28 ms (39,72%). Ou seja, nas orações desgarradas totais, a sílaba pós-tônica final alonga não somente em relação à pré-tônica, mas também em relação à sílaba tônica, revelando a recorrência do alongamento silábico final:

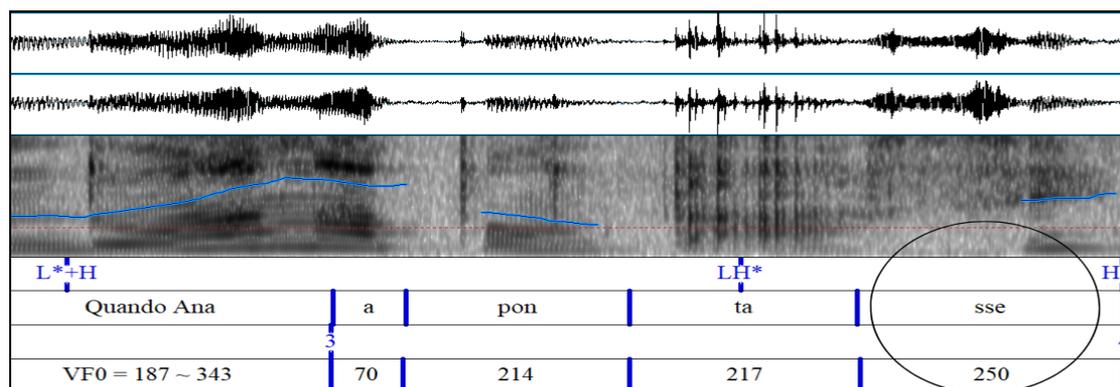


Figura 19: Alongamento final observado em oração desgarrada total: [Quando Ana apontasse].

Tais conclusões ratificam as pesquisas de Silvestre (2017, 2021) sobre, de fato, esta ser uma pista caracterizadora do fenômeno do desgarramento, como detalha a tabela 4 acerca das médias produzidas por cada uma das informantes:

VALORES MÉDIOS DAS SÍLABAS DA MELODIA MÍNIMA - DESGARRADAS			
	pretônica	tônica	postônica
Inf.1	18	28	31
Inf.2	15,5	24	24,5
Média	16,5	26	28

Tabela 5: Valores médios das sílabas da melodia mínima: orações desgarradas no falar pessoense.

Dispostas as comparações interssilábicas, o paralelo interoracional da duração também reforça que o alongamento atua, assim como o contorno melódico, de forma produtiva na caracterização das desgarradas, uma vez que é utilizada comumente na produção das referidas orações.

O gráfico 4, a seguir, ilustra que, quando descrito o comportamento da duração em orações não desgarradas e em orações desgarradas, fica perceptível ser a maior duração da última pós-tônica uma particularidade marcante no desgarramento. Ao analisarmos de forma isolada como procedem cada uma das sílabas, percebemos que, nas desgarradas, a duração média da pré-tônica, da tônica e da pós-tônica é relativamente maior ao das mesmas sílabas em orações não desgarradas. Nesse sentido, visto o que conferimos nesta monografia para o falar pessoense e assim como analisado por Silvestre (2017) em sua tese para o PB e PE, o comportamento duracional da sílaba pós-tônica é o que melhor evidencia o alongamento final

como caracterizador do desgarramento.

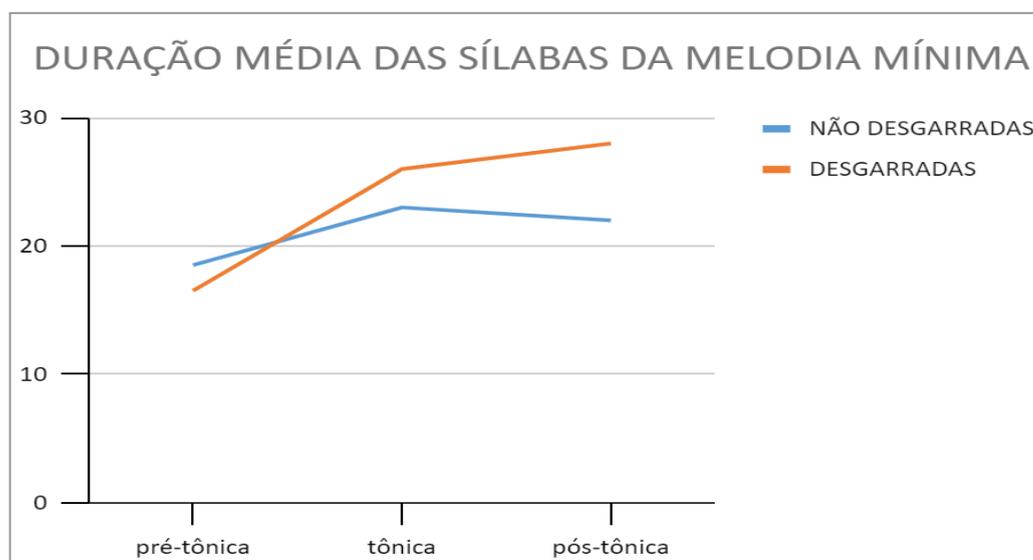


Gráfico 4: Duração média das sílabas da melodia mínima de orações desgarradas e não desgarradas em João Pessoa.

Além do alongamento, na figura 19, percebemos uma ligeira elevação na sílaba final das desgarradas totais, o que nos permite retomar as percepções de Lira (2009) - detalhadas em nosso aparato teórico - a respeito das asserções em João Pessoa. Como antes desenvolvido nesta pesquisa, a autora notou em suas investigações referentes à respectiva capital, um declínio em relação à tônica acompanhado de uma célere subida nas pós-tônicas. A característica destacada, por outro lado, não foi observada em nenhum dos dados do Rio de Janeiro.

Como último ponto a ser descrito, a análise da gama de variação nas sílabas da palavra nuclear de orações desgarradas em João Pessoa revelou que há, entre a F0 mínima e a F0 máxima, uma diferença média de 37% (103Hz). Comparativamente ao observado nas orações não desgarradas, os resultados demonstram diferença, já que, nos dados sem desgarramento, a diferença média foi de 22% (54,5Hz). Para o PB, entretanto, Silvestre (2017) não identificou grandes disparidades. Sendo assim, ao contrário do que a autora suspeitou, a hipótese baseada em Barros (2014), de que a gama de variação de F0 pode ser maior nas desgarradas totais, ganha sentido, uma vez que, para o falar da capital paraibana, o traço demonstra acentuada diferença entre os dois tipos de estrutura, abrindo espaço para futuras pesquisas que possam avaliar a ocorrência do parâmetro em outros falares.

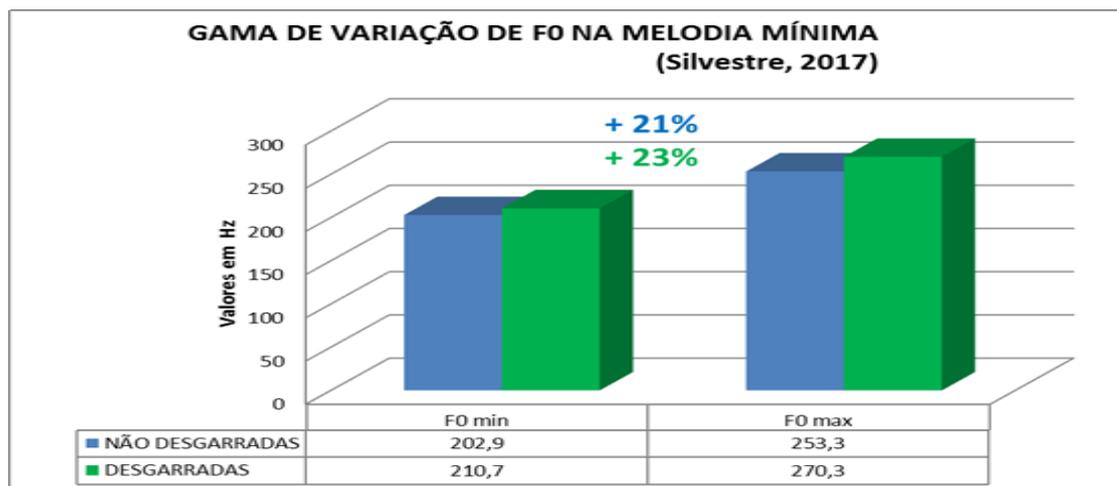


Gráfico 5: Gama de Variação de F0 na Melodia Mínima para estruturas desgarradas e não desgarradas no falar carioca. Fonte: Silvestre (2017)

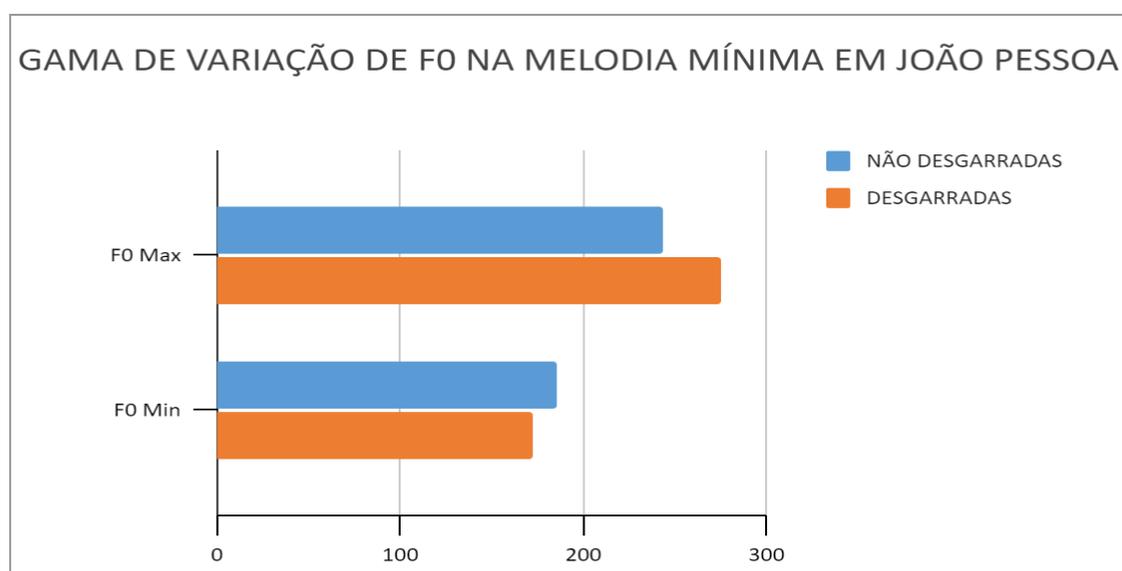


Gráfico 6: Gama de Variação de F0 na Melodia Mínima para estruturas desgarradas e não desgarradas no falar pessoense.

Em decorrência às investigações discutidas, a análise prosódica de orações desgarradas totais produzidas por falantes paraibanos revelou que, no que tange à configuração melódica, há associação predominante do tom H* ou do acento bitonal H+L* ao elemento proeminente no início dos IPs; os contornos da melodia mínima, seguidamente, são H+L* LH%. O mesmo resultado, contudo, percebemos para as não desgarradas, o que, além de diferenciar o desgarramento de João Pessoa do produzido no Rio de Janeiro, atesta a sua singularidade.

Concernente à duração das sílabas finais do IP, a análise dos dados revelou características diversas das identificadas nas orações não desgarradas, principalmente quando tratamos do comportamento da última pós-tônica. Nas estruturas independentes de uma oração principal, além do alongamento da sílaba pós-tônica em relação à pré-tônica, há

recorrente alongamento da sílaba final também em relação à tônica, o que se revela como uma pista decisiva na caracterização do fenômeno em foco. Além dessa longa duração, identificamos uma ligeira subida melódica no dialeto pessoense, mais uma vez resgatando a hipótese de Lira (2009) em relação à região de origem do falante causar modificações fonéticas significativas na reprodução das asserções.

Em referência à gama de variação de F0, no desgarramento, a variação percebida foi diferente à encontrada nos IPs que são orações não desgarradas, fato que nos leva a reforçar a hipótese de que haveria uma gama de variação de F0 maior nas orações desgarradas, por serem elas necessariamente delimitadas por pausa. Tal visão, entretanto, vai contra ao que Silvestre (2017) percebeu em sua tese, na qual observou-se resultados semelhantes nas estruturas desgarradas e não desgarradas. No entanto, embora nossa investigação preliminar mostre a respectiva pista como relevante, consideramos necessários estudos mais aprofundados sobre o tema. Com poucas informantes, não conseguimos fazer generalizações que só uma análise estatística mais desenvolvida é capaz de comprovar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos, no capítulo 1, a motivação para o início das descrições referentes ao desgarramento em João Pessoa. Dessa forma, achamos pertinente abordar as principais pesquisas que trataram do assunto temático, bem como o funcionalismo e a descrição das desgarradas totais. Na segunda seção, tendo em vista as percepções funcionalistas e o olhar de Silvestre (2021), expomos as bibliografias que tomamos como base para realizar as análises prosódicas do desgarramento em João Pessoa; as revisões que abordaram a singularidade dos falares no nordeste e a fonologia no Brasil foram cruciais para que, no capítulo 3, a metodologia da investigação fosse explicitada. A metodologia escolhida, nesse sentido, além de apoiar-se nas teorias da Fonologia Prosódica, foi inspirada no mesmo procedimento que Silvestre (2021) utilizou em seu estudo.

Posteriormente, em nossa análise, retomamos alguns conceitos importantes, iniciamos a descrição de nossos resultados e discutimos os parâmetros prosódicos identificados, os quais evidenciaram que as estruturas independentes de uma oração principal no falar pessoense possuem características semelhantes às apresentadas ao PB e ao PE, a destacar a duração nas

sílabas finais. Além disso, reconhecemos traços regionais relevantes que particularizam as asserções produzidas em João Pessoa, confirmando a maior parte das suposições levantadas na introdução. Isso porque, contrariando o que foi demonstrado ao dialeto carioca, não observamos padrões melódicos finais diferentes para orações não desgarradas e para orações desgarradas ditas por informantes paraibanas. Sendo assim, tal fato confirma somente em parte nossa primeira hipótese, porém, expressa com mais consistência a segunda, sobre o fato de características regionais serem observadas também em dados de desgarramento, mesmo sendo uma estrutura sintática tão específica.

Com tudo isso, constatamos que as análises aqui desempenhadas podem contribuir de maneira efetiva aos estudos de interface sintaxe-prosódia, já que a sua descrição auxilia, com melhor delimitação, na compreensão do desgarramento como um fenômeno sintático. Não somente, ao levarmos em consideração que as características regionais devem ser observadas também em dados do objeto por nós pesquisado, mesmo sendo uma ocorrência sintática tão específica, esta pesquisa poderá instigar a produção de outras, as quais objetivem um entendimento mais completo em capitais diversas, dando prosseguimento, por fim, ao Projeto “Prosódia regional e a interface fonologia-sintaxe: orações desgarradas em dialetos do PB”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. RODRIGUES, T. M. B.

CUNHA, C. S. (2005) **Atlas linguístico do Brasil: uma análise das questões de prosódia**. In: MOTA, J. A; CARDOSO, S. M.. (Org.). Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. 1 ed. Salvador: Editora Quarteto. v.1, p.187-205.

DECAT, Maria Beatriz N (2011) **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editora, 2011.

CHAFE, W. L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (Ed.) **The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1980.

CUNHA, C. S. **Entoação regional no português do Brasil**. 2000. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

LADD, R. **Intonational phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LIRA, Z. **A entoação modal em cinco falares do nordeste brasileiro**. Tese de doutoramento em linguística. João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFP, 2009

NESPOR, M.; VOGEL, I. **La prosodia**. Madrid: Visor Distribuciones, 1986.

PIERREHUMBERT, J. **The phonology and phonetics of English intonation**. PhD Thesis. Massachusetts: M.I.T., 1980.

SILVESTRE, A. P. S. **A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras**. 2012. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVESTRE, A. P. S. **“Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...”: desgarramento e prosódia no português brasileiro e no português europeu**. 2017. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVESTRE, A. P. S. **“Ai, se eu te pego...”: Aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa**. 2021. Campinas: Editora da Abralín, 2021.

FROTA, S. **Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation**. New York: Garland Publishing, 2000.

FROTA, S. **The intonational phonology of European Portuguese**. In: JUN, S-A.

(Ed.). **Prosodic typology II**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 6-42.

GONÇALVES, A. C. B. **Evidências prosódicas para o tratamento de estruturas desgarradas como estratégia de focalização**. 2020. Monografia (graduação) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/10261>.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. 2002. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, L. E. Fonologia prosódica. In: **Verbetes LBASS**, 2022. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=lbass&lang=1&page=4090&menu=&tipo=1